



## RELAÇÕES DE POSSE NO FALAR DE FORTALEZA: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DE FATORES EXTRALINGUÍSTICOS



## POSSESSION RELATIONS IN THE SPEECH OF FORTALEZA: A VARIATIONIST ANALYSIS OF EXTRALINGUISTIC FACTORS

Sara Alexandre FERREIRA  
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Francisco de Assis Pereira da SILVA  
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Aluiza Alves de ARAÚJO  
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA

RECEBIDO EM 24/02/2023 • APROVADO EM 01/11/2023

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v12i2.773>

---

### Resumo

---

Tendo por base os fundamentos da teoria da variação e mudança linguística empiricamente orientada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), este artigo se

propõe a analisar os fatores extralinguísticos que condicionam as relações de posse das formas *nosso/a(-s)* e *da gente* nos dados do *corpus* do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT (Fase II). As variáveis extralinguísticas consideradas são sexo, faixa etária, tipo de inquérito, naturalidade dos pais, escolaridade (IES pública ou particular) e localidade (por região). O banco de dados de nossa pesquisa conta com 70 informantes, extraídos dos tipos de inquéritos DID (Diálogo entre Informante e Documentador) e D2 (Diálogo entre Dois Informantes), estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e o tipo de registro, contando com um total de 509 ocorrências. O programa estatístico GOLDVARB X selecionou, por ordem de relevância, os grupos de fatores faixa etária e regional como favorecedores da variante *da gente*. Os achados mais notáveis indicam que a forma de posse *da gente* ainda apresenta contextos de restrição de ocorrência. Disso extraímos que a variante inovadora, na comunidade de fala culta fortalezense, mostra-se ainda estar distante de ser implementada.

---

## Abstract

---

Based on the foundations of the theory of linguistic variation and change empirically guided by Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]), this paper aims to analyze which extralinguistic factors condition the possession relations of the forms *nosso/a(-s)* and *da gente* in the data from the *corpus* of the Projeto Descrição do Oral Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT (Phase II), and for that, the extralinguistic variables considered are gender, age group, survey type, parents' place of birth, education (public or private IES) and location (by region). The database for our research has 70 informants, extracted from the DID (Dialog between Informant and Documenter) and D2 (Dialog between Two Informants) types of surveys, stratified according to gender, age group and type of register, resulting in a total of 509 occurrences. The statistical program GOLDVARB X selected, in order of relevance, the factor groups age group and regional as favoring *da gente* variant. The most notable findings indicate that *da gente* possession form still presents contexts of occurrence restriction. From this, we extract that the innovative variant, in the educated speech community of Fortaleza, is still far from being implemented.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Pronomes possessivos. 1ª pessoa do plural. Fatores extralinguísticos. Sociolinguística Variacionista. Falar de Fortaleza.

**Keywords:** Possessive pronouns. 1<sup>st</sup> person plural. Extralinguistic factors. Variationist Sociolinguistics. Fortaleza's speech.

---

## Texto integral

---

### Introdução

A busca em compreender os fenômenos ocorridos na atual realidade do Português Brasileiro (PB) tem motivado estudiosos a procurar respostas quanto à variabilidade de uso da língua segundo os postulados da Sociolinguística Variacionista, os quais atestam que tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos exercem forte influência no condicionamento da variação e mudança linguísticas. No âmbito do quadro pronominal possessivo da nossa língua

materna, podemos perceber que muitas são as mudanças operadas neste quadro, principalmente no que diz respeito à expressão de posse de primeira pessoa do plural (doravante 1<sup>a</sup>pp), com a inserção da forma inovadora da gente concorrendo com a forma possessiva canônica *nosso/a(-s)* no português brasileiro contemporâneo.

Tendo em vista este fenômeno, objeto de estudo do presente artigo, objetivamos analisar quais fatores extralinguísticos condicionam as relações de posse das formas *nosso/a(-s)* e *da gente* nos dados do corpus do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT (Fase II). Para isso, consideramos relevante averiguar a atuação das variáveis sexo, faixa etária, tipo de inquérito, naturalidade dos pais, escolaridade (IES pública ou particular) e localidade (por região) sobre o fenômeno em tela.

A questão norteadora central que motivou a elaboração deste trabalho foi: quais fatores extralinguísticos condicionam o uso da forma inovadora *da gente* na fala da comunidade culta fortalezense? Para tanto, por meio da análise variacionista, pretendemos buscar respostas que evidenciem, portanto, quais destes fatores apresentam maior relevância na escolha do uso das formas pronominais do presente estudo.

É válido ressaltar que, embora haja poucas pesquisas no PB referentes ao quadro variável dos possessivos *nosso/a(-s)* e *da gente*, destacamos ainda que este trabalho visa contribuir com os estudos sociolinguísticos, buscando compreender o objeto investigado na perspectiva variacionista, levando em consideração, conforme mencionamos, apenas os fatores extralinguísticos que motivam o uso concorrente destas formas, e nesse contexto, pretendemos apresentar alguns resultados sistemáticos sobre o comportamento dessa variável: se ela apresenta-se como variação estável ou em possível mudança em curso.

Com o intuito de encaminhar a discussão proposta, este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente, apresentamos algumas considerações teóricas sob o enfoque variacionista do fenômeno em estudo, bem como alguns resultados de pesquisas sociolinguísticas que atentam para a realidade variável no quadro de possessivos de 1<sup>a</sup>pp do português brasileiro. Após esta seção, apresentamos a metodologia de nosso trabalho: o *corpus* da pesquisa, as variáveis extralinguísticas e a análise dos dados. Por fim, na seção das considerações finais, trazemos nossas conclusões sobre o objeto de estudo analisado.

## **1 O estudo da língua na estrutura social: a teoria da variação e mudança estilística**

Desde o surgimento da corrente linguística denominada estruturalismo, embasada nos postulados da Linguística – ciência da linguagem oficialmente inaugurada pelo suíço Ferdinand de Saussure, em 1916, com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, no início do século XX –, que os estudos linguísticos tomavam a língua (*langue*) em si mesma como um sistema de signos cujas relações entre si, estabelecidas e formadas em uma estrutura autônoma, era desvinculada, portanto, de fatores sociais e históricos.

Nesse contexto, tanto o estruturalismo saussureano quanto o gerativismo, fundado por Noam Chomsky, concebiam a língua como um sistema dotado de homogeneidade, ou seja, não levavam em consideração a heterogeneidade linguística numa determinada comunidade de fala, haja vista que as duas abordagens mencionadas contemplavam a língua, objeto de estudo da Linguística, como entidade homogênea (COELHO *et al.*, 2015).

Diante desse cenário, alguns teóricos sentiram a necessidade de buscar outros caminhos, criticando a perspectiva saussureana e defendendo um enfoque na língua cujos modelos teóricos dessem conta dos fatos reais da interação verbal linguística social e historicamente situada. Da inserção dessas novas teorias, e em meio à diversidade de orientações teóricas, surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, a Sociolinguística, especialmente a Sociolinguística Variacionista, impulsionada, desde então, pelos trabalhos pioneiros de William Labov.

Tendo por base os fundamentos de uma teoria da variação e mudança linguística empiricamente orientada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), Labov desenvolveu inúmeras pesquisas voltadas para o estudo da língua em seu contexto social, levando em conta que a língua é um sistema ordenadamente heterogêneo, dotada de variação. Isso significa que, nos eventos da fala, ocorre a escolha entre alternativas linguísticas determinadas por funções sociais e estilísticas, e desse modo, a língua configura-se num sistema que varia e muda, acompanhando, assim, as mudanças que surgem na estrutura social.

Sendo a língua uma forma de comportamento social, conforme assinala Labov (2008), ela é usada por seres humanos num contexto social, e em vista disso, percebemos a importância de estudá-la na sociedade, tendo em conta, nesse processo, que o uso da língua, de acordo com Sankoff (1988), é um reflexo da sociedade em que está inserido, e nesse contexto, a variação linguística surge constituindo-se como fenômeno universal, inerente à língua em uso, pressupondo, portanto, a existência de formas alternativas denominadas variantes.

Estas formas, por sua vez, têm seu uso condicionado por motivações de natureza interna e externa. Esta última, foco de análise do presente estudo, leva em consideração os fatores extralinguísticos que regulam as escolhas entre uma variante e outra no evento da fala. No caso do presente artigo, objetivamos analisar quais fatores extralinguísticos condicionam as relações de posse das formas *nosso/a(-s)* e *da gente* na fala culta fortalezense, e para tanto, trataremos, no tópico a seguir, sobre a variação da expressão de posse deste fenômeno em estudo.

### **1.1 O fenômeno em estudo: variação da expressão de posse de 1<sup>a</sup>pp no português brasileiro**

Os pronomes possessivos, nos termos conceituais de Barros e Bittencourt (2004), são palavras do sistema gramatical que servem para indicar o que pertence a determinada pessoa do discurso por força de uma relação de dependência, cuja ideia de posse implica a existência de uma coisa estreitamente ligada a outra, e portanto, eles servem de base para estabelecer incontáveis vínculos de ordem física ou orgânica, afetiva ou ideológica, intraindividual ou social. Nesse sentido, podemos compreender que a ideia de posse, *grosso modo*, corresponde à relação binária entre possuidor e objeto possuído.

Por outro lado, o uso dos possessivos, na visão de Rafael (2010), é bastante complexo, uma vez que entram em jogo dois referentes – o possuidor e o possuído –, e isso faz com que surja a possibilidade de várias combinações entre o número semântico do possuidor e do possuído e a forma distributiva ou coletiva com que se estabelece a relação de posse. Do ponto de vista da autora, é daí que se derivam as ambiguidades, principalmente quando o possessivo diz respeito a mais de uma pessoa: por exemplo, *nosso(a)(s)* pode referir-se ao(s) falante/ouvinte(s), ao(s) falante/outra(s) pessoa(s), ou ao(s) falante/ouvinte(s)/outra(s) pessoa(s).

Ainda no plano conceitual, Bagno (2012) esclarece que estes pronomes provêm, diretamente dos possessivos do latim vulgar, tal como os pronomes possessivos de 1ªpp: *nostru* > *nosso* / *nostros* > *nossos* / *nostra* > *nossa* / *nostras* > *nossas* – estes, portanto, correspondem ao sistema de posse presente na tradição gramatical. No entanto, o autor destaca que, com o desenvolvimento de novos índices de pessoa, precisamente no Português Brasileiro, também passaram a ser desenvolvidas novas formas possessivas, concorrendo, desse modo, com a forma canônica.

Um exemplo de forma de posse inovadora existente no contexto de fala do PB é a forma analítica *da gente*, atraída pelo indicador de posse de 1ªpp, *a gente*. Estudos voltados a este fenômeno (como por exemplo, o trabalho de Araújo (2005), realizado em comunidades rurais afro-brasileiras) apontam que a forma analítica *da gente* apresenta uso documentado em variedades tanto urbanas quanto rurais do PB, concorrendo não só com a forma canônica *nosso/a(s)*, como também com a forma possessiva *de nós*<sup>1</sup>.

Com o intuito de evidenciar diferentes abordagens sobre o objeto de estudo deste trabalho, visando apresentar o que de novo esta pesquisa pode trazer como contribuição ao avanço das relações de posse das formas *nosso/a(-s)* e *da gente* na comunidade de fala culta fortalezense, julgamos pertinente, na seção seguinte, apresentar algumas pesquisas de natureza extralinguística, referentes ao uso dos pronomes supracitados, na variedade do Português Brasileiro.

### **1.1.2 Pesquisas contemporâneas sobre as formas de posse da gente e nosso/a(-s)**

O tratamento desse tópico fica restrito a algumas pesquisas realizadas com o fenômeno deste estudo, e dentre estas, somente serão mencionadas as análises relacionadas às variáveis extralinguísticas. Como ponto de partida, nossa primeira abordagem refere-se aos resultados dos estudos de Araújo (2005) que, conforme citamos anteriormente, desenvolveu uma análise sócio-histórica do português do Brasil em comunidades rurais afro-brasileiras localizadas em diferentes regiões do Estado da Bahia.

Os dados que constituem a base empírica da referida pesquisa foram coletados no *corpus* do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, e contou com 28 entrevistas que obedeceram a critérios de faixa etária, sexo, comunidade, nível de escolaridade e estada fora da comunidade.

---

<sup>1</sup> A razão de não termos inserido a variante *de nós* em nosso estudo é devido ao número ínfimo de ocorrências desta variante nos dados do PORCUFORT (fase II).

Cabe aqui salientar que a autora estabeleceu, em sua pesquisa, uma variável ternária: as formas *nosso/a(-s)*, *da gente* e *de nós*. Entretanto, devido ao fato da variante *de nós* ter apresentado poucas ocorrências (semelhante ao nosso estudo, conforme mencionamos), ela optou pela eliminação desses dados e prosseguiu as análises com uma variável binária, usando apenas as formas *nosso/a(-s)* e *da gente*.

Os resultados gerais desse trabalho apresentaram uma variação equilibrada em termos percentuais, pois, ao passo que a forma *da gente* obteve o percentual de 49,57%, nas amostras das comunidades analisadas, a forma *nosso/a(-s)*, portanto, ficou com 50,43%.

Rafael (2010), por sua vez, optou em analisar o fenômeno de variação, envolvendo os pronomes possessivos *da gente* e *nosso/a(-s)* nas modalidades oral e escrita da nossa língua. Em seu trabalho, foram controlados os fatores extralinguísticos sexo, idade e escolaridade.

A autora coletou os dados do *corpus* Discurso & Gramática, e as codificações foram submetidas ao programa estatístico VARBRUL, fornecendo, por conseguinte, os dados relacionados às variantes determinadas. Os resultados gerais indicaram prevalência de *nosso/a(-s)* com 86,2% sobre *da gente*, que apresentou o percentual de 14,8%. Os achados mais notáveis indicaram que os fatores condicionadores da variante inovadora *da gente*, para as variáveis extralinguísticas foram: sexo feminino, estudantes de 4ª série na faixa etária de 9 a 11 anos de idade e estudantes de 8ª série, de 13 a 16 anos.

Outro estudo a destacar é o de Oliveira (2016), que pretendeu atestar a relevância do contato entre línguas ocorrido nos períodos colonial e imperial do Brasil, na reestruturação do aspecto gramatical do sistema de expressão de posse do português à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas e da Teoria da Gramática. Os fatores extralinguísticos selecionados para análise foram: sexo, faixa etária, comunidade e matriz étnica principal formadora da comunidade.

O *corpus* da pesquisa teve como amostra a língua falada do semiárido baiano (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008) – um conjunto de entrevistas com falantes analfabetos e semianalfabetos, moradores de comunidades formadas sociohistoricamente por matrizes étnicas diferentes. Os resultados percentuais apontaram que a variante inovadora *da gente* foi a mais utilizada com 57% das ocorrências, seguida pela forma canônica *nosso/a (-s)* com 41,3%. Por fim, a forma *de nós* apresentou apenas o percentual de 1,7%.

Uma outra pesquisa a considerar diz respeito aos estudos de Mendonça e Borges (2021), cujo objetivo foi analisar a variação das formas possessivas na fala de universitários do *Campus* Itabaiana/UFS. As autoras utilizaram, como amostra de dados, o *corpus* Deslocamentos 2018/UFS-Itabaiana, composto por 80 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas quanto ao sexo/gênero dos informantes.

Para melhor compreender o comportamento desta única variável extralinguística analisada no referido estudo, os resultados apontaram que houve a predominância da variante *nosso(a)(s)* tanto para o sexo/gênero feminino, com o percentual de 83% (40 ocorrências), quanto para o sexo/gênero masculino, com o percentual de 89% (41 ocorrências), ao passo que a variante *da gente* foi mais presente na fala dos falantes femininos, com 17% (oito ocorrências) do que na fala dos falantes masculinos, com 11% (seis ocorrências).

Diante do exposto, as evidências destes estudos sugerem que o fenômeno das relações de posse que envolvem o nosso objeto, referentes aos fatores extralinguísticos faixa etária e sexo, comporta-se da seguinte maneira:

- a) no que diz respeito à variável faixa etária, a forma *da gente* teve destaque entre os indivíduos mais jovens: Araújo (2005) – Faixa I (24 a 37 anos) e Rafael (2010) – 9 a 11 anos/13 a 16 anos. Em Oliveira (2016), a faixa etária intermediária (Faixa II: 39 a 38 anos) favoreceu a regra de aplicação<sup>2</sup>. Disso podemos extrair que, para o grupo de fatores correspondente à idade dos informantes, os resultados obtidos nestes estudos apontam que há uma tendência para o fenômeno da mudança linguística em andamento, pois a forma *da gente* teve maior destaque na maioria dos dados com indivíduos mais jovens. Em contrapartida, os indivíduos mais velhos, nestas pesquisas, optaram, com mais frequência, pelo uso de *nosso(a)(s)*;
- b) em relação à variável sexo, na maioria destas pesquisas, a variante *da gente* prevaleceu no sexo feminino em Rafael (2010), Oliveira (2016) e Mendonça e Borges (2021). Juntos, estes estudos nos mostram um dado importante: à luz das mudanças paradigmáticas pelas quais as mulheres têm passado, já não cabe mais afirmar, categoricamente, que os homens são os mais inovadores na fala, pelo menos no que diz respeito ao fenômeno de posse do nosso estudo. Em contrapartida, os dados de Araújo (2005) revelam que o sexo do informante não exerceu grande influência no uso das formas *nosso(a)(s)* e *da gente*, tanto entre os informantes do sexo masculino, quanto do sexo feminino, haja vista que, no referido estudo, as variantes citadas concorrem, ainda, de forma estável.

Por fim, os estudos apresentados até agora fornecem evidências que servem como pano de fundo para termos uma visão, *a priori*, do comportamento de nosso fenômeno nas variáveis selecionadas neste estudo. Sendo assim, os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, necessários para analisar os fatores extralinguísticos condicionadores das relações de posse das formas *nosso/a(-s)* e *da gente* no falar culto de Fortaleza, serão apresentados na seção a seguir.

## 2 Metodologia

Este trabalho, como já referimos, é orientado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, os quais pressupõem a não existência de estudos linguísticos desvinculados de fatores extralinguísticos. Isso implica optar por um realismo empírico ao considerar que o objeto de estudo a ser analisado deve ser investigado quanto à sua diversidade e variabilidade na comunidade de fala analisada.

A partir das considerações anteriormente apresentadas referentes às relações de posse das formas *nosso/a(-s)* e *da gente*, nesta seção, apresentamos os passos seguidos para a concretização de nossa pesquisa, considerando a natureza (de caráter extralinguístico), o *corpus* e a amostra, a definição das variáveis, a

---

<sup>2</sup> Nesta parte do texto, não foram mencionados os dados de Mendonça e Borges (2021), porque estes não realizaram análises com a variável faixa etária.

coleta, a codificação e o processamento dos dados no programa estatístico GOLDVARB X.

## 2.1 *Corpus* e amostra

Para a realização desta pesquisa, utilizamos o *corpus* do projeto PORCUFORT - FASE II (Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza-CE), um projeto construído com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. O PORCUFORT - FASE II foi coordenado pela profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo, no período de 2018 a 2022, e este projeto teve como um de seus principais objetivos possibilitar investigações de fenômenos variáveis em tempo real, a partir de estudos do tipo tendência. Vale ressaltar que a amostra do referido projeto levou em consideração os mesmos fatores sociais apresentados na primeira amostra do banco de dados.

Os participantes que compõem a amostra possuem o seguinte perfil sociolinguístico: são residentes na capital cearense, fortalezenses natos; filhos de pais fortalezenses, em sua grande maioria, ou filhos de cearenses que vieram morar na capital com até 5 anos de idade; nunca se ausentaram da cidade por um período superior a 3 meses; possuem nível superior completo. (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018).

O banco de dados conta, na fase II, com 107 informantes; no entanto, nesta pesquisa, utilizamos apenas os dados dos inquéritos DID (Diálogo entre Informante e Documentador) e D2 (Diálogo entre Dois Informantes), sendo 70 informantes, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e o tipo de registro, conforme o quadro 1<sup>3</sup>.

	Gênero			
	Masculino		Feminino	
	Registro			
Faixa etária	DID	D2	DID	D2
I (22-35)	4	4	6	6
II (36-55)	6	6	6	7
III (56 em diante)	6	6	6	7
Total	16	16	18	20

**Quadro 1-** Distribuição dos informantes na nossa amostra.

**Fonte:** Elaborado pelos autores com base em Araújo, Viana e Pereira (2018, p. 182).

## 2.2 Variável dependente

A variável dependente é o fenômeno em variação investigado pelo sociolinguista, e nesse sentido, partimos do pressuposto da teoria laboviana de que a variação não ocorre aleatoriamente na língua, mas, sim, é condicionada por

<sup>3</sup> Foram excluídos os inquéritos 14 e 23 (masculino faixa etária I) e 61 (masculino faixa etária III) pelo fato de não termos encontrado ocorrência do fenômeno abordado na pesquisa.



fatores inerentes tanto à própria estrutura da língua como também por fatores extralinguísticos.

Partindo desses pressupostos, ressaltamos que a variável dependente selecionada para nosso estudo é a expressão de posse referente à 1ªpp, e as variantes são: o pronome *nosso* e suas flexões de gênero e número (*nossa, nossos, nossas*) e a forma nominal *da gente*. Estas formas são exemplificadas nas seguintes falas encontradas na amostra de nossa pesquisa:

1) Exemplos de pronomes possessivos de primeira pessoa do plural:

“da *nossa* conversa né...” (D2-inq. 08)<sup>4</sup>

“as malas *da gente*” (DID-inq. 50)

Vale aqui salientar que foram desprezadas as ocorrências de formas cristalizadas devido a não indicação de valor de posse na leitura destas ocorrências, conforme ilustramos a seguir:

1) Exemplo de forma cristalizada:

“ai minha *Nossa Senhora*” (D2-inq. 86)

2) Exemplo de *da gente* com valor semântico de *de nós*:

“aí a gente pegava uns cordões sai correndo o cachorro saía correndo atrás *da gente*” (D2-inq. 55)

3) Exemplo Interjeição:

“*nossa*::::: (D2-inq. 02)

Após definirmos a variável dependente de nosso estudo, discorreremos, a seguir, sobre as variáveis independentes, tendo em conta que a utilização de fatores extralinguísticos para analisar a variação linguística e tendências de mudança, como vimos, é um dos pontos basilares da Sociolinguística. Importa ressaltar que as variáveis extralinguísticas integradas em nossa pesquisa, tradicionalmente são aquelas utilizadas em análises variacionistas, que são faixa etária e sexo. Na seção seguinte, trataremos com maior critério sobre estas variáveis.

### 2.3 Variáveis independentes (extralinguísticas)

Como já dito, nesta pesquisa, trabalhamos apenas com as variáveis extralinguísticas, e cada uma delas, no presente trabalho, corresponde a uma hipótese dos possíveis efeitos sobre a variável dependente, que é a aplicação da regra. Sendo assim, detalhamos a seguir as variáveis independentes selecionadas para analisar o fenômeno de nosso estudo.

---

<sup>4</sup> D2 – Diálogo entre Dois Informantes. Inquérito Número 08.

As variáveis extralinguísticas que consideramos controlar nesta pesquisa são as mesmas controladas no PORCUFORT - Fase II e, para tanto, utilizamos os tipos de inquérito DID e D2, conforme exposto em seção anterior. A seguir, apresentamos a descrição e as hipóteses destes fatores selecionados em nosso estudo.

### 2.3.1 Sexo/gênero

Tendo em vista que diversos estudos sociolinguísticos apontam para as diferenças entre os sexos, no que se refere a usos linguísticos mais ou menos prestigiados, nossa hipótese referente à variável sexo/gênero, apoiada em Labov (1969; 2001), pressupõe que as mulheres favorecerão o uso da variável inovadora, tendo em conta que a variável *da gente* não apresenta forte estigmatização de uso na respectiva comunidade em análise.

### 2.3.2 Faixa etária

Os informantes do nosso estudo foram divididos em três faixas etárias: a primeira, os informantes entre 22 a 35 anos; a segunda, 36 a 55 anos; e a terceira, que compreende os informantes a partir de 56 anos.

Para este grupo, acreditamos que os mais velhos favorecerão o uso da forma canônica *nosso/a(-s)*, pois, segundo Wardhaugh e Fuller (2015), este grupo etário tende a refletir a linguagem que usavam quando eram jovens. Em contrapartida, pressupomos que os mais jovens vão liderar o uso da forma inovadora.

### 2.3.3 Tipo de inquérito

Buscamos também, neste grupo, verificar se o tipo de inquérito que envolve os informantes selecionados para a pesquisa exerce alguma influência sobre a relação de posse das formas *nosso/a(-s)* e *da gente* a partir do comportamento linguístico dos falantes selecionados nos dados do PORCUFORT (fase II). Para tanto, consideramos dois tipos de registros, a saber: a) Diálogo entre Dois Informantes (D2) e b) Diálogo entre Informante e Documentador (DID).

Para esta variável, pressupomos que a forma *da gente* seja privilegiada no D2, tendo em vista que, neste tipo de entrevista, não ocorre o monitoramento em boa parte da fala por se tratar de um tipo de registro em que os informantes têm, entre si, um certo grau de intimidade, e isso deve contribuir, a nosso ver, para a predominância de uso da forma inovadora.

### 2.3.4 Instituição de Ensino Superior (IES)

Com o intuito de verificar se a Instituição de Ensino Superior influencia o comportamento linguístico concernente à variável dependente analisada no presente estudo, neste grupo, buscamos analisar os dados de fala dos informantes oriundos de IES privada e IES pública.

Ao considerar esta variável, levamos em conta o pressuposto de que a IES pública, em nossa hipótese, deverá favorecer a variante inovadora, enquanto que a IES privada dará prioridade ao uso da variante canônica.

### 2.3.5 As regionais

Atualmente, a cidade de Fortaleza está dividida em 12 regionais, conforme determinado no decreto nº 14.890, de 29 de dezembro de 2020. Segundo Tosi (2021), esta reestruturação distribui a cidade em 39 territórios, estabelecidos conforme afinidades socioeconômicas e culturais entre os bairros, além da disponibilidade de equipamentos públicos com a prerrogativa de que, dessa forma, haja maior participação popular e melhor solução das demandas de cada região.

Partindo destas premissas, julgamos pertinente, neste grupo, averiguar as relações de posse nas regionais fortalezenses, cuja hipótese traçada pressupõe que, neste grupo de fatores, a tendência é que a forma canônica esteja mais presente na fala dos informantes das regionais onde os bairros são situados em área mais nobre da cidade. Em contrapartida, pressupomos que a forma inovadora será relevante na fala dos informantes residentes em regionais cujos bairros são considerados mais populares. Para tanto, apresentamos a seguir os bairros das respectivas regionais em que foram extraídos os dados do PORCUFORT – FASE II.

- 1) SER<sup>5</sup> 01: Barra do Ceará, Jardim Iracema, Jacarecanga, Carlito Pamplona, Jardim Guanabara;
- 2) SER 02: Aldeota, Meireles, Mucuripe, Papicu, São João do Tauape;
- 3) SER 03: Antônio Bezerra, Farias Brito, Monte Castelo, Parquelândia, Presidente Kennedy, Quintino Cunha, Vila Ellery;
- 4) SER 04: Benfica, Fátima, Jardim América, Montese, Parangaba, Parreão, Vila União;
- 5) SER 05: Granja Lisboa, Granja Portugal;
- 6) SER 06: Alto da Balança, Cambeba, Curió, Messejana, Jardim das Oliveiras, José de Alencar, Luciano Cavalcante, Paupina;
- 7) SER 07: Cocó, Conjunto Ceará, Edson Queiroz, Guararapes, Salinas;
- 8) SER 08: Serrinha, Passaré;
- 9) SER 09: Pedras;
- 10) SER 10: Maraponga, Mondubim, Jardim Cearense;
- 11) SER 11: Bela Vista, Demócrito Rocha, Henrique Jorge, Jóquei Clube, Panamericano, Pirambu;
- 12) SER 12: Centro, Praia de Iracema.

### 2.3.6 Naturalidade Pai/Mãe

Neste grupo de fatores, buscamos identificar se a naturalidade paterna e materna, fortalezense ou não, influencia na escolha de uso das variantes *nosso/a(-s)* e *da gente*. Para tanto, as análises deste grupo são referentes às seguintes nacionalidades: a) Fortaleza/Fortaleza; b) Fortaleza/Outra; e c) Outra/Outra.

---

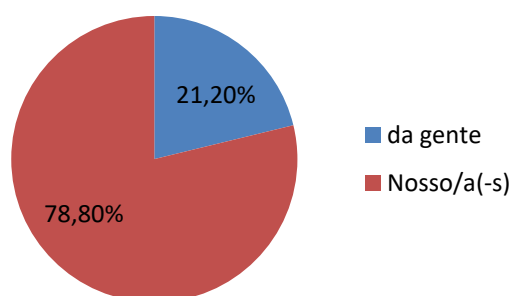
<sup>5</sup> Secretaria Executiva Regional.

Quanto à hipótese do grupo naturalidade pai/mãe, acreditamos que os informantes, cuja descendência corresponde a pais/mães nascidos em Fortaleza, vão favorecer o uso da forma *nosso/a(-s)*. Por sua vez, pressupomos que a forma *da gente* terá predominância de uso na fala de informantes em que se verifique, especificamente, a influência do pai no uso da forma inovadora (Outra/Outra), haja vista que o uso das formas não padronizadas, de acordo com Romaine (2000), carrega conotações de masculinidade.

### 3 Análise dos dados

Neste capítulo, apresentamos as análises dos dados de nossa amostra. Primeiramente, na rodada experimental, ocorreram dois nocautes na variável regional, nos seguintes fatores: regional SER 6 e regional SER 12 – ambos sem nenhuma ocorrência da forma *da gente*. Para resolver estes nocautes, optamos por desprezar os dados. Na seção que se segue, apresentamos, portanto, as rodadas realizadas no GOLDVARB X.

#### 3.1. Primeira rodada: dados percentuais



**Gráfico 1** - Frequência de uso das variantes *da gente* e *nosso/a(-s)* em nossa amostra.

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Resolvidos os nocautes, o programa nos forneceu um total de 509 ocorrências, e a distribuição se deu da seguinte forma: 108 ocorrências para a forma *da gente* (21,2%), e 401 ocorrências correspondentes ao uso de *nosso/a(-s)* (78,8%), conforme ilustramos no gráfico 1. Essa constatação, embora preliminar, sugere que a frequência da forma de posse canônica ainda é a forma favorecida na comunidade de fala culta fortalezense.

#### 3.2. Primeira rodada: análise binomial

Nesta análise, optamos por investigar quais fatores contribuem para a realização da forma inovadora *da gente* e, por esta razão, ela foi escolhida como

regra de aplicação<sup>6</sup>. Os grupos de fatores selecionados como favorecedores da variante *da gente*, por ordem de relevância, foram: faixa etária e regional.

Assim sendo, apresentamos a seguir os resultados detalhados para cada fator, seguindo, portanto, a ordem de relevância.

### 3.2.1. Faixa etária

FATORES	Aplic./Total	%	PR
III (a partir dos 56 anos)	60/204	29,4	0,605
II (36 a 55 anos)	37/199	18,6	0,501
I (22 a 35 anos)	11/106	10,4	0,304

**Tabela 1** - Atuação da variável faixa etária sobre a variante *da gente*.

**Fonte:** Elaborada pelos autores.

Como pode ser visto na tabela acima, o fator faixa etária III, que corresponde às pessoas que têm mais de 56 anos de idade, revela, significativamente, a preferência de uso da variante inovadora *da gente* (0,605) mais do que os outros fatores (faixa etária II: 0,501 / faixa etária I: 0,304). A hipótese levantada para este fator pressupôs que os adultos mais velhos iriam favorecer o uso da forma canônica *nosso/a(-s)*; no entanto, conforme apontado na tabela 1, esta hipótese não foi constatada, pois o grupo que favoreceu a forma de posse canônica foi a faixa etária correspondente às pessoas mais jovens (22 a 35 anos).

A tabela 1 ainda nos revela aspectos importantes a serem destacados. O primeiro deles é referente ao comportamento dos outros dois fatores menos relevantes acima apresentados. Um ponto a observar diz respeito ao comportamento dos mais jovens, que se apresenta bem diferente do comportamento apresentado pela faixa etária intermediária. Esta, por sua vez, aponta um resultado com PR 0,501, que, a nosso ver, indica um comportamento neutro em relação à regra de aplicação.

Enquanto a geração intermediária, como vimos, encontra-se no limiar da neutralidade, de outra parte, a faixa etária mais jovem desfavorece a variante *da gente* (PR 0,304), apresentando, desse modo, um comportamento inibidor em relação à variante inovadora mostrando-se, portanto, com um perfil ainda conservador.

Vale destacar que os resultados do referido grupo de fatores não correspondem à similitude dos resultados das pesquisas outrora mencionadas, haja vista que a forma *da gente*, nestas pesquisas, teve destaque na maioria dos dados com indivíduos mais jovens: Araújo (2005) – Faixa I (24 a 37 anos) com 72%<sup>7</sup> e Rafael (2010) – 13 a 16 anos, com PR 0,92. Em Oliveira (2016), a faixa

<sup>6</sup> A regra de aplicação é a variante escolhida pelo pesquisador (no caso do presente estudo, *da gente*) para a geração dos dados pelo programa estatístico.

<sup>7</sup> A autora não apresentou pesos relativos na referida análise.

etária intermediária (Faixa II: 39 a 38 anos) não se mostrou neutra, como ocorreu em nossa pesquisa; pelo contrário, esta geração jovem favoreceu a regra de aplicação, com o PR 0.61. Assim, concluímos que, apesar de os estudos citados terem destacado como relevante, em sua maioria, o grupo mais jovem como favorecedor da forma inovadora *da gente*, em nenhum deles a faixa etária III (a partir dos 56 anos) foi preponderante na escolha de uso desta variante.

Diante do exposto, depreendemos que, nas comunidades de fala dos estudos citados, tendo em vista que os mais jovens favoreceram a regra de aplicação, a tendência, como mencionamos anteriormente, é de que nestas comunidades haja um indício de uma possível mudança em curso. Por outro lado, na comunidade de fala de nossa amostra, conforme pode ser visualizado na tabela, os mais velhos lideram a forma de posse inovadora, e diante deste cenário, podemos inferir que não há indícios de uma possível mudança em curso, configurando-se, portanto, como uma variação estável.

### 3.2.2. Regional

FATORES	Aplic./Total	%	PR
SER 5	6/23	26,1	0,626
SER 2	20/57	35,1	0,604
SER 3	39/136	28,7	0,600
SER 10	9/40	22,5	0,560
SER 7	8/36	22,2	0,530
SER 4	15/71	21,1	0,448
SER 1	4/33	12,1	0,362
SER 11	4/38	10,5	0,320
SER 9	2/19	10,5	0,316
SER 8	1/17	5,9	0,359

**Tabela 2** - Atuação da variável regional sobre a variante *da gente*.

**Fonte:** Elaborada pelos autores.

Esta tabela é bastante reveladora em vários aspectos. Primeiramente, verificamos que os fatores SER 7 (0,530) e SER 10 (0,560) nos indicam que ainda permanecem bem próximos do ponto neutro, assim, as evidências sugerem que estas regionais, respectivamente compostas por bairros considerados nobres (SER 7: Edson Queiroz, Guararapes, Cocó) e de classe média (SER 10: Mondubim, Maraponga) de Fortaleza, se apresentam como levemente favorecedoras da regra de aplicação.

Um outro aspecto que emerge desta análise diz respeito a três fatores deste grupo que apresentam pesos relativos bastante aproximados: a SER 5 (0,626), a SER 2 (0,604) e a SER 3 (0,600). Como podemos observar na tabela acima, estas regionais mostram um comportamento explicitamente favorecedor da regra de aplicação pelo fato de estarem bem distantes do ponto neutro. Contíguo a esta análise, destacamos, ainda, que a SER 5, considerada pelo programa estatístico como a maior aliada da variante inovadora (0,626), é uma regional composta pelos bairros Bom Jardim, Bonsucesso, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira, que são vistos como bairros populares, por assim dizer, devido a estarem situados em localidades mais periféricas da cidade de Fortaleza-CE.

A hipótese para esta variável era de que a forma inovadora seria relevante na fala dos informantes residentes em regionais cujos bairros são considerados mais populares, e conforme apontado nos resultados, esta hipótese foi parcialmente confirmada, haja vista que os bairros elencados como mais favorecedores da variante inovadora (SER 5 (0,626) / SER 2 (0,604) / SER 3 (0,600)) não são totalmente pertencentes à massa popular da capital cearense.

Outro aspecto a considerar, diz respeito aos fatores que não favoreceram a regra, a saber: SER 4 (0,448), SER 1 (0,362), SER 11 (0,320) e SER 9 (0,316). Esta última, cujos dados foram extraídos do bairro Pedras – considerado popular por ser localizado nas extremidades do município –, destaca-se, como vimos, em virtude de ser a regional que dá preferência, mais do que as outras, ao uso da forma de posse mais conservadora, haja vista que nossa hipótese prévia era a de que os bairros populares dariam prioridade à regra de aplicação, e nesse sentido, entendemos que a hipótese, para este fator, foi refutada.

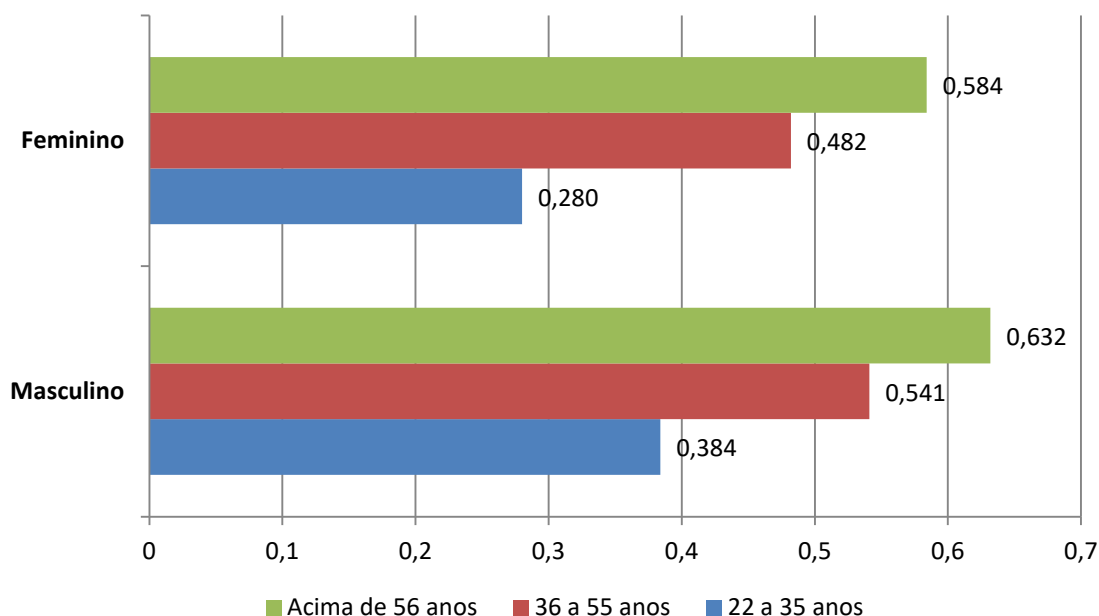
Por fim, tendo apresentado, nesta primeira análise, os resultados detalhados dos fatores elencados como relevantes para o favorecimento da regra (*da gente*), vale ainda ressaltar a importância de realizar uma segunda análise, para melhor compreendermos o comportamento deste fenômeno na comunidade de fala culta fortalezense. Desta vez, nossa análise incide na criação de uma nova variável, com os fatores sexo e faixa etária, tendo em vista que, apesar do fator sexo não ter sido escolhido pelo programa estatístico como relevante, nos interessa saber como se comportam os homens e mulheres, em diferentes faixas etárias, diante do fenômeno em estudo – dados que apresentamos a seguir.

### **3.3. Segunda análise – sexo x faixa etária**

A variável faixa etária, como mencionamos, foi escolhida em primeiro lugar pelo programa estatístico e, em virtude disso, decidimos realizar uma terceira rodada, criando, desta forma, uma nova variável: sexo e faixa etária. Para esse fim, criamos um novo grupo de fatores em nosso arquivo de condições, o oitavo grupo, cujos fatores são: a) masculino, faixa etária 22 a 35 anos; b) masculino, faixa etária 36 a 55 anos; c) masculino, faixa etária acima de 56 anos; d) feminino, faixa etária 22 a 35 anos; e) feminino, faixa etária 36 a 55 anos; e por fim, f) feminino, faixa etária acima de 56 anos.

Os grupos de fatores selecionados como favorecedores da variante *da gente*, por ordem de relevância, foram: sexo x faixa etária e regional<sup>8</sup>. A seguir, o gráfico 2 nos apresenta os resultados da referida análise.

### 3.3.1. Sexo x faixa etária



**Gráfico 2** – Pesos Relativos da variável sexo x faixa etária.

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

A variável sexo/gênero, com outras variáveis independentes, como por exemplo, a variável faixa etária, conforme exposto no gráfico 2, pode fazer emergir, de acordo com Paiva (2019), padrões de correlação diferenciados, e estes padrões apontam a relatividade das correlações entre as variáveis em análise. Partindo destas considerações, os resultados da análise correlacional das variáveis citadas, apresentadas no gráfico 2, indicam que a variante *da gente* é favorecida pelos homens, na faixa etária adulta acima dos 56 anos de idade, com o PR 0,632.

Em contrapartida, verificamos que as mulheres mais jovens mantêm a preferência de uso da forma de posse *nosso/a(-s)*, tendo em vista que o PR 0,280 atesta que elas ainda lideram na escolha do uso padronizado da variável em estudo. De modo geral, estes resultados vão na contramão da hipótese levantada para os grupos sexo/gênero e faixa etária apresentados anteriormente, pois, *a priori*, acreditávamos que a mulheres favoreceriam o uso da variável *da gente*, tendo em conta que esta variável não apresenta, a nosso ver, forte estigmatização

<sup>8</sup> Neste grupo de fatores, vale salientar que não houve grande mudança nos valores dos pesos relativos fornecidos pelo programa na análise binomial. Uma possível explicação para isso é que, pelo fato de esta variável ter sido escolhida como relevante na referida análise, os resultados apontados mostraram-se equivalentes aos mesmos da primeira rodada e, por esta razão, eles não foram expressos nesta etapa de nosso estudo por considerarmos desnecessária a realização de uma nova análise.



de uso na respectiva comunidade em análise, e de fato, esta preferência de uso não ocorreu.

Em relação à hipótese levantada para o fator faixa etária, pressupomos, para este grupo, que as mais jovens iriam liderar o uso da forma inovadora, e isto não ocorreu nas análises apresentadas no gráfico 2. Estes resultados evidenciam o que mencionamos anteriormente: as mulheres mais jovens, na comunidade de fala culta fortalezense, se revelam linguisticamente mais conservadoras, e, portanto, mais tendenciosas a optar pelo uso da variante de prestígio.

Diante disso, depreendemos que o comportamento linguístico referente à variação da expressão de posse de 1<sup>a</sup>pp na comunidade de fala culta fortalezense, com respeito às variáveis extralinguísticas sexo x faixa etária, nos indica que as evidências fornecidas da criação desse novo grupo de fatores parecem ser consistentes com o que é apresentado na literatura, tendo em vista que a variante inovadora foi favorecida pelos homens na faixa etária correspondente aos adultos com mais de 56 anos de idade (0,632). Em contrapartida, o público feminino mais jovem, por sua vez, permaneceu priorizando a variante conservadora (0,280), e dessa forma, entendemos que, nesta correlação, a variável em estudo apresenta-se, como já dito, estável.

Visando ainda aprofundar a discussão acerca da relevância da variável faixa etária, importa investigar a correlação entre essa variável e o grupo de fatores tipo de inquérito, com o intuito de verificar se há alguma influência sobre a relação de posse das formas *nosso/a(-s)* e *da gente* a partir do comportamento linguístico dos falantes mais jovens ou mais velhos nos tipos de registro Diálogo entre Dois Informantes (D2) e Diálogo entre Informante e Documentador (DID). Assim sendo, discorreremos sobre esta correlação na seção seguinte.

### 3.4. Terceira análise – faixa etária x tipo de inquérito

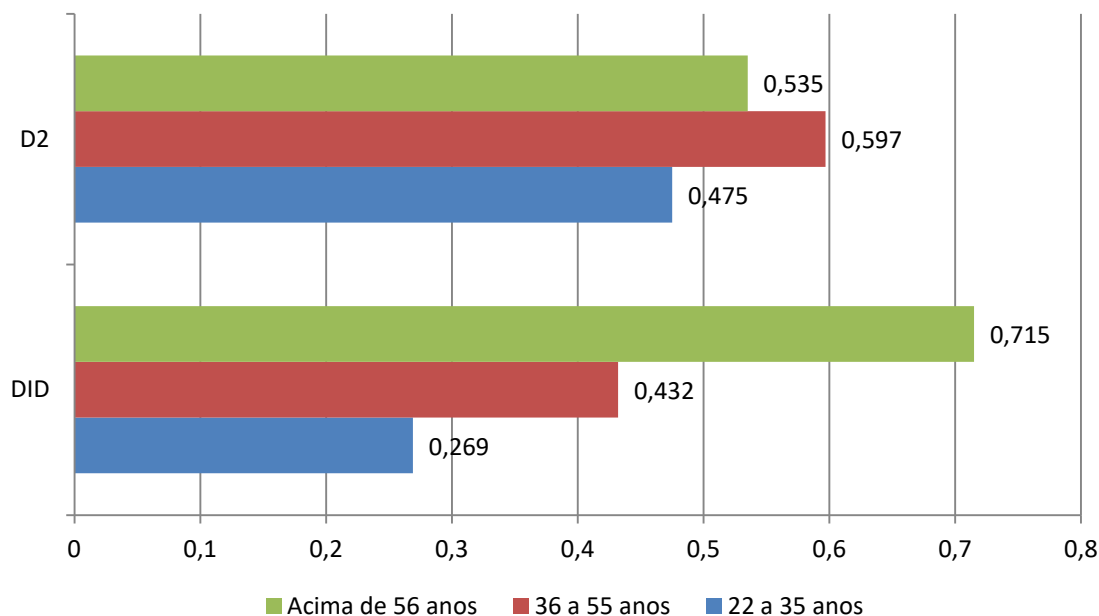
Nesta terceira análise, realizamos uma rodada com as variáveis faixa etária e o tipo de inquérito, e novamente, no arquivo de condições, criamos um oitavo grupo de fatores, a saber: a) DID, faixa etária 22 a 35 anos; b) DID, faixa etária 36 a 55 anos; c) DID, faixa etária acima de 56 anos; d) D2, faixa etária 22 a 35 anos; e) D2, faixa etária 36 a 55 anos; e f) D2, faixa etária acima de 56 anos.

Os grupos de fatores selecionados como favorecedores da variante *da gente*, por ordem de relevância foram: faixa etária x tipo de inquérito e regional<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Mais uma vez esta variável não apresentou grandes mudanças nos valores dos pesos relativos fornecidos pelo programa, nem na análise binomial e nem na segunda análise. Dito de outra forma, os resultados observados neste grupo de fatores espelham-se aos mesmos divulgados anteriormente – motivo este que nos leva a desconsiderar uma nova análise com este fator na rodada atual.

### 3.4.1. Faixa etária x tipo de inquérito



**Gráfico 3** – Pesos Relativos da variável faixa etária x tipo de inquérito.

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

É evidente, a partir deste gráfico, qual grupo de fatores priorizou o uso da variante *da gente*, a saber, o tipo de inquérito DID (Diálogo entre Informante e Documentador), na faixa etária dos adultos acima de 56 anos (0,715). Em contrapartida, ainda na variável tipo de inquérito, o DID prevaleceu com o uso da forma de posse canônica entre os mais jovens, na faixa etária de 22 a 35 anos, apresentando um peso relativo de 0,269.

Apesar dos resultados terem indicado que os falantes mais velhos, no tipo de inquérito DID, terem privilegiado o uso de *da gente*, é válido ainda considerar que, no tipo de inquérito D2, os falantes de faixa etária intermediária favoreceram a variante inovadora, com peso relativo de 0,597. Já os mais velhos (acima de 56 anos), em contrapartida com os resultados apontados no tipo de inquérito DID, favoreceram levemente a regra de aplicação (0,535).

Vale ressaltar que, para o grupo de fatores tipo de inquérito, pressupomos que a forma *da gente* seria privilegiada no D2, tendo em vista que, neste fator, não ocorreria o monitoramento em boa parte da fala por se tratar de um tipo de registro em que os informantes têm entre si um certo grau de intimidade – o que contribuiria, a nosso ver, para a predominância de uso da forma inovadora *da gente*.

No entanto, os resultados apontados no gráfico 3 refutam, em parte, nossas expectativas iniciais para a análise, tendo em conta que o tipo de inquérito DID liderou a predominância da variante inovadora nas amostras de fala representativa da variedade culta falada na capital cearense. Em relação ao D2, conforme apontado, a geração intermediária foi quem liderou essa predominância, enquanto que a geração mais jovem, semelhante ao DID, deu prioridade ao uso da forma canônica.

## Considerações finais

Nesta pesquisa, objetivamos analisar quais fatores extralinguísticos condicionam as relações de posse das formas *nosso/a(-s)* e *da gente* nos dados do *corpus* do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT (Fase II), e para tanto, levamos em consideração a atuação das variáveis extralinguísticas sexo, faixa etária, tipo de inquérito, naturalidade dos pais, escolaridade (IES pública ou particular) e localidade (por região) sobre este fenômeno. O GOLDVARB X, por sua vez, selecionou, por ordem de relevância, os grupos de fatores faixa etária e regional como favorecedores da variante *da gente*, e sobre estes, portanto, teceremos nossas considerações a respeito do nosso objeto de estudo.

Como ponto de partida, este estudo mostrou, nos resultados obtidos para a amostra de fala culta fortalezense, que, ao longo dos 509 inquéritos do tipo DID e D2, um total de 108 ocorrências favoreceu a variação da forma de posse *da gente*. Desse número, 21,2% dos casos compreendem a variante inovadora, fator de aplicação do presente estudo, enquanto que 78,8% das 401 ocorrências correspondem à variante *nosso/a(-s)*. Estes resultados nos mostram, dentre outras coisas, que a variante tida como padrão tende a ser mais usada que a variante inovadora, em amostra de fala culta da cidade de Fortaleza.

Diante destas evidências, de que a forma *nosso/a(-s)*, considerada como variante conservadora, é a de maior frequência de uso na referida comunidade de fala, podemos inferir que o quadro pronominal possessivo de 1<sup>ª</sup>pp na variedade de fala culta fortalezense ainda apresenta-se estável, haja vista que a variante inovadora concorre com a forma canônica nos contextos extralinguísticos analisados, e isto sugere que a frequência de uso da forma *da gente* mostra-se ainda pouco ascendente.

Refletindo sobre estas constatações, de modo geral, concluímos que a variante inovadora *da gente* ainda apresenta contextos de restrição de ocorrência na comunidade de fala de nossa amostra, embora tenhamos observado, nos estudos analisados, que o fator social faixa etária apresentou indícios de uma possível mudança em andamento. Posto que este estudo não tenha revelado, através dos resultados, que a variável inovadora é a mais relevante na comunidade de fala culta fortalezense, importa ressaltar que ele nos deu um vislumbre parcial de como se comporta o fenômeno do paradigma pronominal possessivo da referida comunidade. Disso extraímos que a variante *da gente*, portanto, está longe de ser implementada.

---

## Referências

---

ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de.; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. *Coleção amostras da língua falada no semi-árido baiano*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. *Nosso, da gente e de nós: um estudo sociolinguístico da expressão de posse no português rural afro-brasileiro*. 2005. 255 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macedo; PEREIRA, Maria Lidianne de Sousa. O projeto descrição do português oral culto de Fortaleza - PORCUFORT: das origens aos dias atuais. *Web-Revista SOCIODIALETO*, v. 8, n. 24, p. 174-198, mar., 2018.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARROS, Luiz M. M. de; BITTENCOURT, Terezinha. A propósito dos pronomes possessivos do português. *Confluência*, p. 119-147, 2004.

COELHO *et al.* *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

FORTALEZA. *Decreto Nº 14.890, de 29 de dezembro de 2020*. Revoga o Decreto nº 14.671, de 12 de maio de 2020, dispõe sobre a inclusão de atividades não previstas no Anexo V - Tabela 5.1 a 5.28 da Lei Complementar nº 236, de 11 de agosto de 2017, e dá outras providências. Disponível em: <https://diariooficial.fortaleza.ce.gov.br/download-diario?objectId=workspace://SpacesStore/d5f543b1-17ed-4d2b-a6ea-b8cfd719c96b;1.0&numero=16939>. Acesso em: 25 jan. 2023.

LABOV, William. *A Study of Non-Standard English*. Washington, DC: ERIC, 1969.

LABOV, William. *Principles of linguistic variation: social factors*. Vol. 2. Malden, MA: Blackwell Publishers Ltd., 2001.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDONÇA, Josilene de Jesus; BORGES, Cósma Karine Vieira. Variação nos pronomes possessivos de 1ª pessoa do plural. *Paraguaçu: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, [s. l.], v. 1, ed. 1, p. 106-129, 2021.

OLIVEIRA, Matheus Santos. *O efeito do contato entre línguas na reestruturação do sistema de expressão de posse do português do semiárido baiano*. 2016. 87 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2016.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável sexo/gênero. In: MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 33-42.

RAFAEL, Noelma. *Variação, mudança e ensino: o caso dos pronomes possessivos da gente e nosso(a)(s) em uma abordagem sociofuncionalista*. 2010. 81 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010.

ROMAINE, Suzanne. *Language in Society: an introduction to Sociolinguistics*. 2. ed. Oxford University Press, 2000.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: NEWMeyer, F. J. (ed.). *Linguistics: The Cambridge Survey*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 140-161.

TOSI, Marcela. Fortaleza agora tem 12 Regionais: você sabe qual é a sua? *O Povo on line*, Fortaleza, 05 jan. 2021. Notícia. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2021/01/05/fortaleza-passa-a-ter-12-regionais--voce-sabe-qual-e-a-sua.html>. Acesso em: 25 jan. 2023.

WARDHAUGH, Ronald; FULLER, Janet M. *An Introduction to sociolinguistics*. 7. ed. Malden, MA: Blackwell Publishing Ltd., 2015.

WEINREICH, Uriel.; LABOV, William; HERZOG, I. Marvin. *Fundamentos empíricos da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

---

## Para citar este artigo

---

FERREIRA, Sara Alexandre; SILVA, Francisco de Assis Pereira da; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Relações de posse no falar de Fortaleza: uma análise variacionista de fatores extralinguísticos. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 2, p. 44-64, maio-ago. 2023.

---

## Autoria

---

**Sara Alexandre Ferreira** é doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestra em Letras pelo PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, campus Currais Novos (2021). Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ (2015). Graduada em Letras Português/Inglês pela Autarquia Educacional de Belo Jardim-PE – AEB (1998). Atua na área de Linguística com ênfase em Sociolinguística Educacional e Gramática e Ensino. E-mail: [saraalexandre1975@gmail.com](mailto:saraalexandre1975@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1380-5038>.

**Francisco de Assis Pereira da Silva** é mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Especialista em Educação do Campo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFCE, campus Crateús (2021). Graduado em Letras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFCE, campus Crateús (2018). Atua na área de Letras com ênfase em Linguística e Sociolinguística Variacionista. E-mail: [diassiscpt@gmail.com](mailto:diassiscpt@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2424-569X>.

**Aluiza Alves de Araújo** é doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará – UFC. É professora no nível Associado O do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA da Universidade Estadual do Ceará – UECE, onde coordena o Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará – LAPESCE e lidera o grupo de Estudos e Pesquisas sociolinguísticas de Fortaleza- CE (SOCIOFOR). Tem experiência na área de Sociolinguística e Dialetoлогия. E-mail: [aluiza.araujo@uece.br](mailto:aluiza.araujo@uece.br); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2166-0852>.